

# CAMPUS

Arquivo pessoal



Anny West

## COTIDIANO REINVENTADO

*A nômade Laura Griebler, os catadores Pedro de Lima e Marcos dos Santos, o jornalista Daniel Dourado e a leitora Leticia Brittes contam as mudanças que a pandemia trouxe para suas vidas.*

Arquivo pessoal



Acervo pessoal



Saulo Cruz/ANEEL

# Carta das editoras

Como a vida dos brasileiros mudou depois de mais de um ano de pandemia? Nesta edição do **Campus**, investigamos algumas mudanças na rotina, seja no lazer, no consumo, no trabalho ou na própria forma de vida. A crise sanitária afetou drasticamente a vida de todos e suas consequências ainda são incertas, mas sentidas em todas as camadas sociais.

O home office transformou o conceito de trabalho. As reportagens elucidam modificações nas formas de trabalhar. Outro enfoque da edição é mostrar a tendência que a leitura percorreu na esfera digital e como esse hábito foi reforçado. Além disso, o **Campus** direcionou sua visão para problemas atrelados ao descarte de plástico no meio ambiente e à vida de catadores.

## Ombudsman Aniversário na pandemia

Por Gustavo França

A pandemia do novo coronavírus tem sido o principal assunto discutido no Brasil desde março de 2020. O tema toma os jornais. Os desafios são diversos.

Em sua última edição (451), o **Campus** produziu várias reportagens sobre o assunto. Foram seis: a dificuldade das mães em conciliar a rotina de isolamento com a vida profissional; estudantes da UnB que sofreram consequências em seus intercâmbios; o espaço do Campus Darcy Ribeiro que recebe visitantes como se fosse um parque; exposições virtuais de alunos do Instituto de Artes; como estudantes começaram a empreender; e, infelizmente, a morte da estudante de Jornalismo Lorena Costa, vítima da covid-19.

As matérias reproduzem bem as diferentes realidades sofridas por conta desse novo “normal”. Mas uma delas deixou a desejar. A reportagem “As malabaristas”, sobre mães-estudantes, poderia ter explorado mais o assunto abordado nos dois últimos parágrafos. Sob o intertítulo “As mulheres negras podem sofrer mais”, o **Campus** reservou pouco espaço para falar sobre isso. Por ser um conteúdo que a própria reportagem traz como marginalizado pela sociedade, faltou dar voz a essas pessoas.

A edição também veio acompanhada de um suplemento para comemorar os 50 anos do jornal. As quatro páginas trazem histórias bastante relevantes por que o jornal passou desde a sua criação. Sendo o mais longo jornal-laboratório do país, o **Campus** é ferramenta necessária no ensino de Jornalismo. A importância do jornal para a comunidade acadêmica é enorme. Ao ler o suplemento, pode-se perceber o tamanho disso para o jornalismo brasileiro em geral. As reportagens trazem desde a repressão sofrida na época de ditadura militar até os prêmios recebidos.

*Gustavo França se formou em Jornalismo na UnB*

# A casa virou redação

Por: Anny West

O jornalismo nunca esteve tão sentado e conectado ao mesmo tempo. A sensação de correr atrás da notícia, do furo, da informação é o que faz os jornalistas sentirem a adrenalina da profissão junto com a necessidade de construir um cenário real sobre os fatos e apresentá-los para a sociedade.

O home office colocou em xeque a maneira de fazer jornalismo em todas as esferas. A ideia, que há pouco tempo parecia fantasiosa, rompe com uma série de paradigmas e modos de como funciona o caminho da notícia.

A era tecnológica e o crescimento exponencial da internet já estavam impulsionando transformações digitais na execução de entrevistas, apuração e divulgação de informações na esfera virtual. Além disso, trouxeram a possibilidade de qualquer pessoa produzir conteúdo e disseminá-lo em grande escala. Os jornalistas passaram a ser, na verdade, um dos integrantes que participam da circulação no fluxo de notícias que permeiam a vida social. Mas, como fazer o conteúdo do sofá de casa? Se apurar isolado é o novo normal, o que os profissionais precisam aplicar nesse novo cenário?

O pesquisador alemão Andreas Hepp aponta que os novos modelos informativos obrigam os jornalistas a abandonarem uma série de princípios e valores tradicionais das redações e rotinas produtivas. O desafio na profissão é conseguir o engajamento do público em uma relação de compartilhamento de informações entre iguais, com o intuito de ensinar as pessoas a modificar a vida social por meio da informação. Compartilhar nossos conhecimentos e ensinar a sociedade a como se informar são os próximos passos. Já que do sofá de casa todos fazem notícia, a nossa missão é buscar a qualidade na compreensão do fato em uma geração globalmente conectada. O ofício é mais que informar. A comunicação sugere amor e transmitir o fato necessário com consciência da sua repercussão. É hora de ficar em casa e apurar do sofá, descobrir a essência e humanizar no mundo digital.

## Expediente

**CAMPUS**  
Jornal-laboratório  
Faculdade de Comunicação  
Universidade de Brasília (UnB)  
**Professor**  
Sérgio de Sá

**Jornalista**  
José Luiz Silva  
**Reportagem, edição e**  
**fotografia:**  
Anny West, Marina Julião

**Projeto Gráfico:**  
Beatriz Socha  
**Diagramação:**  
Marina Julião  
**Essa edição foi feita usando**  
**recursos do Freepik**

**Tiragem:**  
**Contato:**  
**Capa**

# Jornalismo a distância

*O isolamento social mudou a rotina das redações e novos modelos de fazer jornalismo surgem no mundo online*

Por Marina Julião

O jornalismo, para muitos, sempre foi feito na rua. Conversando com as pessoas, indo atrás das pautas. Durante o ano de 2020, devido à pandemia do novo coronavírus, vários jornalistas começaram a trabalhar e apurar de casa. Como essa mudança de cenário afetou a profissão? Segundo Fábio Pereira, professor de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), o home office traz algumas consequências para o trabalho jornalístico, como a falta de socialização e dificuldade de separação entre descanso e trabalho: “Aprendia-se a ser jornalista, no ambiente de trabalho, nas trocas entre jornalistas, na forma como veteranos ‘ensinavam’ estagiários e recém-egressos sobre a profissão”, ele ressalta.

O **Campus** conversou com três jornalistas para saber mais sobre as mudanças na rotina.

## Cobertura de eventos remotos

Desde março de 2020, quando a emergência de saúde foi decretada, Hebert Madeira não retorna à redação do portal em que trabalha. Antes, ele ia para redação todos os dias, e viagens para cobrir eventos de moda pelo Brasil afora eram frequentes.

“A minha rotina de apuração é centrada em pesquisa. Como eu trabalho numa coluna de moda, precisamos pesquisar sobre moda internacional e nacional”, explica o jornalista de 24 anos. Nesse aspecto, sua rotina não mudou tanto. “Continuo o trabalho de pesquisa e agora faço mais entrevistas por Zoom, algo que não fazia antes.”

A grande mudança, segundo ele, aconteceu na forma de a indústria de moda se comunicar. As semanas de moda e alta costura, que aconteciam duas vezes por ano em cidades como Londres, Paris, Nova Iorque e São Paulo, tiveram que se reinventar e muitas marcas aderiram a novos formatos de apresentação de coleção. “Antes, as marcas faziam transmissão online do evento, mas era um complemento ao presencial. Hoje o online virou o principal”, analisa Hebert.

Algumas marcas optaram por não realizar desfiles tradicionais, com várias modelos caminhando em uma passarela, mas sim *fashion films*. “Agora temos a linguagem audiovisual para analisar, as referências, os cortes, ângulos”, comenta Hebert. O jornalista sente falta dos desfiles – e do trabalho – presencial. “Tem um certo encanto, poder ver as roupas, o movimento das peças, e o desafio das marcas tem sido trazer esse encanto para o online”, desabafa.

## Rotina na televisão

Editar, produzir, entrevistar e gravar são algumas das tarefas que Gabriel Araújo, 28 anos, faz no seu dia a dia como editor de um jornal televisivo. “Minhas matérias me permitiam trabalhar da redação, mexo muito com bastidores e documentos”, ele comenta. Gabriel cumpre home office sempre que possível e evita ir à redação se pode realizar as tarefas de casa.

As entrevistas coletivas online foram uma grande mudança apontada por Gabriel. “Você não está cara a cara com o entrevistado, se a pessoa está fugindo do assunto é mais difícil confrontar”, ele esclarece.

O jornalista gosta do home office e acredita que é uma realidade que veio para ficar, mas sente muita falta do convívio da redação. “O meu jeito de ver jornalismo é muito de ideias. Várias vezes eu tinha uma ideia com meu chefe e outra pessoa ouvia e conversava, íamos construindo uma coisa juntos”, relembra.



Acervo pessoal

Gabriel Araújo agora grava os VTs e entra ao vivo de casa

## Assessorias em trabalho remoto

A rotina jornalística dentro das assessorias também mudou bastante, segundo Daniel Dourado, assessor de comunicação. “Antes da pandemia nosso trabalho era completamente presencial, todas as coberturas e eventos a agência realizava presencialmente, alguns na própria sede, outros em cidades do Brasil”, conta o jornalista de 39 anos.

Com a pandemia, as entrevistas coletivas, contato com jornalistas e eventos foram todos para o online. “Os repórteres têm feito entrevista por telefone ou vídeo-chamada e os eventos fazemos no YouTube ou na plataforma Teams”, relata. Houve uma mudança também na relação entre repórter e assessor. “Hoje nos comunicamos muito mais por *WhatsApp* do que por email ou telefone.”

Após um período de adaptação, Daniel avalia que os eventos e coletivas online têm funcionado bem. “Foi um desafio organizar as primeiras, fazíamos várias reuniões com a área de gestão da informação para aprender a usá-las. Agora pegamos o jeito”, diz.

Daniel prefere o trabalho presencial. Acredita que no home office é mais difícil delimitar horário de trabalho e de descanso. “Você pode acionar e ser acionado a qualquer momento”, ele conta. Mas o trabalho remoto também pode se tornar uma realidade na vida dos jornalistas. “Tem gente que é mais produtivo em casa, a tendência é que isso continue”, avalia.

# As marcas do plástico descartado na pandemia

*O aumento das vendas online e a falsa sensação de higiene e segurança impulsionaram o uso do plástico durante 2020*

Por Anny West

Desde que começou a crise sanitária do novo coronavírus no país, medidas de isolamento foram necessárias para prevenir a disseminação da Covid-19, como o distanciamento social. Mas, passar mais tempo em casa e o fechamento de lojas e espaços físicos não freou o consumo dos brasileiros.

De acordo com pesquisa divulgada, em agosto de 2020, pela PayPal, empresa americana de pagamentos online, e a BigDataCorp, empresa brasileira de tecnologia que captura e entrega dados, o comércio eletrônico no Brasil teve a maior aceleração já registrada em um único ano, desde que a pesquisa começou a ser realizada, em 2014. Atualmente, são mais de 1,3 milhão de lojas online. O aumento das vendas na internet gera mais consumo de materiais e produção de resíduos recicláveis, principalmente plástico, papel e papelão.

Para a professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do projeto UFSC Sem Plástico, Juliana Leonel, além de as mudanças no hábito de consumo, as pessoas começaram a associar a utilização do plástico como uma forma de segurança, para evitar a propagação do novo coronavírus. “A emergência de reforçar hábitos de higiene criou uma ideia de que o ‘descartável é mais seguro’, e houve um retorno ao uso de descartáveis por empresas e por pessoas que os haviam substituído por reutilizáveis”, aponta Juliana. Para a arquiteta e pesquisadora Tainá Wanderley, do Instituto Lixo Zero Brasil (ILZB) a ligação entre plástico descartável e higiene feita pelas pessoas não é necessariamente verdadeira. Tainá afirma que, quando houver mais bom senso, esses materiais somente serão utilizados em momentos indispensáveis.

Um balanço feito pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) evidenciou, em junho do ano passado, aumento médio de 30% na coleta de materiais recicláveis na pandemia. O estudo foi realizado em regiões de diferentes tamanhos e que representam 60% do mercado de

limpeza urbana do país. Segundo o diretor presidente da Abrelpe, Carlos Silva Filho, apesar do aumento no descarte de resíduos recicláveis, a reciclagem não cresceu na mesma proporção, devido o fechamento e diminuição do funcionamento das unidades de triagem em diversas cidades do país.

A brasiliense Isabela de Oliveira, de 23 anos, mora com os pais e relata que houve um aumento dos pedidos de delivery pela família. “Nós gostávamos de ir a restaurantes nos finais de semana. Mas agora, com a pandemia, preferimos pedir delivery por medo de ter contato com o ambiente externo e pegar o vírus”, conta

Isabela. “Tudo que vem embalado no isopor ou embalagem de plástico a gente coloca no prato. E, logo em seguida, descartamos esse material e as outras embalagens”, diz.

A coordenadora adjunta do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB) e desenvolvedora do maior projeto de monitoramento dos casos de Covid-19 na vida e no trabalho dos catadores do país, Vanessa Cruvinel, evidencia que o fato de os catadores de materiais recicláveis terem ficado meses sem trabalhar trouxe, além de problemas para suas vidas pessoais, outros impasses. Dentre eles, consequências para o meio ambiente, ou seja, todo resíduo que deveria ser reciclado está sendo destinado direta-

mente para os aterros sanitários, diminuindo a vida útil desses locais.

“A solução não é parar, e sim transformar a coleta em uma atividade segura. As ações que podem ser feitas são: melhorar os equipamentos de proteção desses trabalhadores, a qualidade do material descartado, e isso vai depender da população, sensibilizar esses trabalhadores dos riscos que eles estão expostos. E, por fim, fornecer melhores condições no ambiente de trabalho, como, por exemplo, os centros de triagem disponibilizarem os equipamentos de proteção individual (EPIs)”, afirma Vanessa Cruvinel.

Levantamento realizado pela Associação Com-



promisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), no período de um mês entre março e abril de 2020, junto a cooperativas, associações e comércios de materiais recicláveis, mostrou que, no isolamento social, 35,5% dos municípios não alteraram a programação da coleta seletiva, 26,3% reduziram a frota de caminhões e a frequência de entrega dos resíduos nas cooperativas, 24,9% dos municípios suspenderam temporariamente o serviço de coleta seletiva e 12,7% dos municípios avaliados não possuem o serviço de coleta seletiva implantado. O estudo contou com 950 entidades, divididas em 21 estados e 504 municípios do país.

Para a pesquisadora Tainá Wanderley, do Instituto Lixo Zero, não há interesse de diversas camadas sociais para que o cenário mude, como políticas efetivas do governo e incentivo de empresas. “As grandes empresas não querem assumir as responsabilidades atribuídas a elas pela Política Nacional de Resíduos Sólidos. A relação entre o poder público e a iniciativa privada, muitas vezes, é corrupta, prevalecendo interesses particulares, o que gera uma crise no setor”, destaca.

### O impacto na vida dos catadores

Um dos segmentos mais atingidos, pois tem contato direto com os resíduos descartados, são as instituições que realizam o trabalho de coleta seletiva e os catadores. Após a declaração da pandemia, cooperativas de triagem e outras organizações de catadores tomaram medidas, como a suspensão ou redução das atividades de coleta, para diminuir os riscos de contaminação pela Covid-19.

Além da exposição e contato que os catadores têm com esses resíduos descartados nas ruas e que podem estar contaminados pelo novo coronavírus, existe a vulnerabilidade social e econômica dos catadores de materiais recicláveis. Vanessa Cruvinel observa como é importante valorizar esses profissionais: “Esses trabalhadores são os verdadeiros agentes ambientais e, infelizmente, são praticamente invisíveis para a sociedade. E, além da fragilidade socioeconômica à qual estão expostos, existem algumas variáveis demográficas, como baixa escolaridade, alto número de filhos, baixa renda e, também, baixo acesso aos serviços de saúde.”

Para a professora Juliana Leonel, o fechamento de centros de triagem e cooperativas de reciclagem significou pessoas perdendo sua fonte de renda e ficando desempregadas. “O desemprego leva ao crescimento da exploração dos trabalhadores que acabam tendo que aceitar qualquer condição de trabalho em busca de uma renda.”

O catador Pedro de Lima, de 31 anos, passa os dias recolhendo materiais recicláveis pelas ruas de Florianópolis. Depois do início da pandemia, o trabalho tornou-se mais arriscado, pois as pessoas em casa descartam os resíduos sem realizar a separação, misturando tudo em sacolas plásticas. Ele enfatiza outro fator: “Eu vejo na rua o descaso das pessoas, ao observar a quantidade de garrafas e sacolas plásticas. Desde que a pandemia começou, o meu faturamento diminuiu, o preço dos materiais recicláveis caiu e, conseqüentemente, a renda também”, relata Pedro.

Pedro não faz seu trabalho de forma solitária. O catador Marcos dos Santos, de 49 anos, faz percursos com o amigo recolhendo resíduos recicláveis na capital



Amy West

Segundo a Associação Compromisso Empresarial para Reciclagem, quase 25% dos municípios suspenderam a coleta seletiva em 2020

de Santa Catarina. A realidade que se apresentou para Marcos, com o novo coronavírus, o colocou em uma situação em que precisou trabalhar como catador para ter uma renda e enviar dinheiro para o filho mais novo, de 17 anos. Marcos trabalhava como garçom, porém, o restaurante para o qual prestava serviço precisou reduzir o número de funcionários, devido à pandemia, e ele foi demitido.

“Eu e outros catadores estamos em situação de rua. Existem muitas formas de superar e avançar nesse período triste. Acredito que a coleta seletiva de forma adequada faria a diferença. A reciclagem dos materiais coletados, além de gerar renda, poderia ser usada para a fabricação de equipamentos, como aparelho de oxigênio, o que ajudaria no combate ao novo coronavírus. Mas nós [catadores] temos poucas instruções e auxílio”, ressalta Marcos dos Santos.

A coordenadora do projeto que vai monitorar a situação em relação à covid-19 de mais de 5 mil catadores no Distrito Federal, Vanessa Cruvinel, aponta que os profissionais que trabalham com o descarte de materiais recicláveis estão expostos a todos os riscos ocupacionais, sejam eles biológicos, físicos, químicos, sociais e psicológicos. E que a sociedade, muitas vezes, não se sente responsável pelo descarte desse material que pode, inclusive, estar contaminado com o novo coronavírus.

“As pessoas acham que a partir do momento que elas colocam o lixo para fora da sua residência, esse lixo deixa de ser responsabilidade de cada uma delas. É essa lógica que a gente precisa mudar na nossa sociedade. Investir em educação ambiental e tornar a população corresponsável pela qualidade dos resíduos que ela descarta, com o intuito de garantir a renda e proteger a saúde dos catadores”, diz Vanessa.

# Os rumos da leitura no espaço virtual

*Perfis dedicados à leitura aumentam no mundo online, novo ponto de encontro para falar sobre literatura*

Por Marina Julião

Em A vida literária no Brasil – 1900, Brito Broca fala sobre a importância das livrarias, dos encontros culturais, dos autores e de tudo que acontece ao redor do livro para o fomento do que chama “vida literária”, ou seja, o ambiente em torno da literatura. No Brasil do começo do século 20, esse circuito estava restrito a Rio de Janeiro e São Paulo. A leitura não era parte da rotina da maioria da população. A vida literária no Brasil de 2021 pode parecer diferente. E é.

De acordo com Diva Albuquerque Maciel, ex-professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), o país tem um hábito de leitura muito baixo. “Não existem políticas públicas para mudar isso e o acesso ao livro ainda é muito difícil”, analisa.

No entanto, os espaços em que se discute a literatura mudaram ao longo dos anos. A internet se tornou o centro para se debater sobre livros, descobrir novos autores e compartilhar indicações.

A pandemia do novo coronavírus, que surpreendeu o mundo todo e mudou a rotina dos brasileiros, potencializou o poder da internet como forma de socialização. A vida, que pulsava nas ruas, cafés, festas e livrarias, foi para dentro dos apartamentos e das residências. A internet virou o ponto de encontro entre amigos, a reunião de trabalho, a confraternização familiar, a escola e, claro, o espaço em que se fala sobre a literatura.

Para Paulo Werneck, editor-chefe e fundador da revista Quatro Cinco Um, especializada em livros, a leitura foi mais procurada durante a pandemia: “A leitura não foi só um refúgio que as pessoas encontraram, mas uma fonte de reflexão”.

## Era virtual

Foram os livros que ajudaram Letícia Brittes, estudante de Letras Português da UnB, a não se sentir tão sozinha na pandemia. Leitora assídua, Letícia intensificou o hábito de leitura no último ano. Em junho de 2020, a jovem de 19 anos criou um perfil no Instagram para compartilhar o que tem lido, o @vemlecomigo, que conta com mais de mil seguidores.

Letícia conhecia a comunidade de booktubers, mas nunca havia participado de clubes do livro ou leituras coletivas até o ano passado. Para ela, esses formatos de leitura compartilhada são grandes incentivadores. “Às vezes tem uma pessoa que está mais avançada e que motiva quem não estava gostando muito do livro a continuar”, afirma.

Além de Letícia, as amigas Carina Damião, 41 anos, Rafaela de Lima França, 31 anos, Nicalle Stopassoli, 41 anos, Athena Bastos, 27 anos, Isadora Lages, 26 anos, e Thais Giubelli, 37 anos, também encontraram amparo nos livros e nas redes sociais durante a pandemia. Unidas ao acaso por um grupo do Facebook dedicado à leitura, a amizade já dura quatro anos. De diferentes idades, estados e profissões, as amigas têm uma

coisa em comum: o amor pelos livros. “De uma maneira geral, somos muito empolgadas com a leitura”, explica Carina, que é advogada.

Em maio do ano passado, elas criaram o perfil @leitorascaoticas, onde compartilham indicações, fazem resenhas e organizam desafios literários e clubes do livro, atualmente, o perfil conta com cerca de 1,5 mil seguidores.

Além do cansaço mental e físico experimentado durante a pandemia, também existe a fadiga das telas. Segundo Paulo Werneck, os livros são boas alternativas para quem busca desconectar.

Descansar a vista e ficar longe dos computadores foram duas razões pelas quais o estudante de Relações Internacionais Pedro Lima retomou o hábito da leitura. “Hoje estamos sempre conectados, sempre olhando pra tela do computador e quando vamos descansar olhamos pra tela do celular, então é muito bom fazer alguma coisa que não envolva telas”, explica o estudante de 19 anos.

Pedro estima que leu em torno de 14 livros ano passado, algo que não teria acontecido se não fosse a pandemia. Assinar o clube do livro TAG Curadoria, em agosto de 2020, foi uma grande motivação para ele adquirir novamente ritmo de leitura.

De acordo com Paulo Roberto Pires, professor de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), editor da revista Serrote e colunista da revista Quatro Cinco Um, os clubes por assinatura também ajudam a fomentar a cultura literária. “Quem gosta de ler gosta de bolsa para carregar livro, brinde, marcador”, diz, rindo. Além dos extras oferecidos pelas editoras, os clubes têm uma curadoria especializada, que pode ajudar muitos leitores indecisos, complementa ele.

A curadoria da TAG chamou a atenção de Isadora Nébias Carvalho, professora de história. A belorizontina de 25 anos sempre teve o hábito da leitura e, com o isolamento social, ele se fortaleceu. Em novembro, uma publicidade da TAG no Instagram, anunciando “América Latina” como o tema do mês de novembro, convenceu a professora a fazer a assinatura.

Uma das coisas que Isadora mais gosta no clube da TAG é o aplicativo que permite a interação entre os assinantes. “Antes da pandemia eu lia mais pra mim mesma, mas descobri que gosto muito de ver o que outras pessoas acharam do livro, ler outras opiniões e também falar o que eu achei”, comenta Isadora. “Acho também que é uma forma de socializar.”

## Leituras coletivas

Outro formato muito comum na internet são as leituras coletivas. Escolhe-se um livro para ler e discutir durante o mês. São criados canais no aplicativo de mensagens Telegram onde os participantes conversam, trocam impressões, áudios e outros materiais relacionados à leitura. Essa configuração é flexível e permite trocas

## Dicas para hábito leitura

A professora  
Albuquerque Maciel,  
do Departame  
cologia Escola  
volvimento (PE  
e especialista  
recomenda alg  
fáceis para com  
hábito da

1. Procurar  
livros que te ch  
ção – “Descob  
que realmente  
seu interesse, n  
riamente litera  
ser sobre ciên

2. Procura  
não sejam tão  
de início – “Co  
textos que não  
leitura comple  
tão de tamanh  
envolver o pra

3. Procura  
res – “É intere  
car grandes aut  
tornaram conh  
maestria na

entre pessoas que não gostam de chamadas de vídeo ou não podem participar todos os meses.

Segundo a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em 2020, a média de livros lidos por pessoa por ano gira em torno de cinco. Realizada entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, a pesquisa busca entender o comportamento dos leitores e adicionou, nessa última edição, perguntas relacionadas à influência de personalidades da internet na leitura.

Entre os leitores, ou seja, aqueles que leram um livro – inteiro ou em partes –, nos últimos três meses, 25% apontaram que começaram a gostar de literatura com um influenciador digital ou por meio da internet. Essa porcentagem sobe para 37% entre leitores de 14 a 17 anos.

A psicóloga Flora Gherke, de 29 anos, acompanha leituras coletivas no Instagram e, em outubro de 2020, começou a organizar as suas próprias. Seu perfil @bujoterapia conta com mais de 20 mil seguidores.

“A leitura foi o que me salvou em 2020”, desabafla Flora. Quando criou seu perfil, em 2018, o objetivo era compartilhar dicas sobre o método Bullet Journal. Criado pelo estadunidense Ryder Carroll, o Bullet Journal é uma forma de organização pessoal usando cadernos e diários. Algumas das ferramentas do método, como o acompanhador de hábitos, são úteis para estimular a leitura e a tornar parte da rotina. Hoje, Flora fala sobre seu dia a dia e suas leituras com frequência no perfil: “Muitos dos meus seguidores vêm pelos livros atualmente”, ela explica.

Para Flora, as leituras coletivas, que bombaram na pandemia, são uma forma de fazer o produtor de conteúdo se sentir menos solitário e incentivar quem gosta de ler. As que organizam em seu perfil, além de um canal no Telegram, contam com uma live ao final do mês para discutir o livro. “As lives têm em média 30 pessoas, e todos estão muito empolgados”, comemora.

Além de Flora, Letícia e Isadora participaram de leituras coletivas recentemente. Isadora leu *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, na leitura coletiva organizada pelo canal Ler Antes de Morrer, de Isabella Lubrano. Letícia leu *Os miseráveis*, de Victor Hugo: “Eu e um amigo queríamos ler esse livro em janeiro e ele encontrou uma leitura coletiva”, acrescenta a estudante de Letras.

Na opinião de Gabriela Rodella, especialista em educação e leitura literária e professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade

Federal do Sul da Bahia (UFSB), influencers literários ajudam a criar comunidades de leitores. “Essas comunidades minimizam a solidão da leitura literária, é um movimento importante. A paixão pela leitura precisa ser compartilhada, quanto mais melhor”, defende.

A influência digital foi o que motivou Giovanna Camisassa, de 24 anos, a incorporar o hábito de leitura na rotina durante a pandemia. Em maio de 2020, começou a seguir o influencer literário e advogado Pedro Pacífico, conhecido nas redes como @book.ster. O advogado tem mais de 300 mil seguidores no Instagram e 35 mil inscritos no YouTube. Além das redes sociais, Pedro tem um podcast semanal sobre leitura e acabou de lançar um clube do livro.

A leitura de literatura foi para muitas pessoas uma maneira de escapar da realidade e viver aventuras, especialmente em um período em que ficamos mais em casa. Gabriela Rodella explica que a literatura oferece um espaço de liberdade e alteridade. “A literatura são palavras organizadas de forma estética que podem te fazer pensar sobre a vida, descobrir novos sentimentos”, avalia.



Isadora Nébias lendo *O mapa de sal e estrelas*, sua leitura favorita do ano

# Adaptação e descoberta de mulheres no nomadismo digital

*Mães, autônomas, estudantes, empreendedoras e funcionárias, cada dia mais, ampliam seu contato com o mundo [wwwwww digital](#) e, conseqüentemente, estilos novos de encarar o trabalho e a rotina surgem no cenário pandêmico.*

Por Anny West

A brasileira Laura Griebler é nômade digital desde 2008. Teve a experiência de conciliar moradia e trabalho em mais de 30 países. Formada em Turismo, decidiu viajar para a Austrália, após a faculdade, e teve sua primeira imersão no universo do nomadismo ao experimentar o estilo de vida como moradora em outro país.

“Encontrei no mundo digital uma possibilidade de não me fixar em lugar nenhum e poder viajar. Não preciso trabalhar de 9h às 17h, eu posso estar na estrada e conhecer os países da forma como eu gosto”, destaca Laura.

Ela começou a viajar para diversos países e trabalhar com a intenção de encontrar um estilo de vida que a fizesse se sentir bem. Nesse tempo, percebeu que investir na produção de conteúdo virtual iria ajudar. Laura fez curso de cinema, fotografia, marketing digital e até vendas online, para se capacitar e ter alternativas de trabalho nos lugares em que decidiu morar. Aos poucos, começou a se equipar e ganhar visibilidade nas redes sociais pelo seu *lifestyle*.

O nomadismo digital já era uma tendência que estava em crescimento, e a pandemia acelerou a adoção desse estilo de vida. Uma empresa americana que mapeia os “trabalhadores independentes”, MBO Partners, mostrou que, em 2018, 4,8 milhões dos americanos já se consideram nômades digitais, enquanto outros 17 milhões desejavam adotar esse estilo de vida.

A carioca Gabriela Maia, de 42 anos, é mãe de duas filhas e atua na área de Recursos Humanos da Petrobras onde trabalhou presencialmente durante 14 anos. Em março do ano passado, foi para o trabalho remoto. Em novembro de 2020 ela começou a alugar casas por alguns dias em outras cidades. Foi quando achou esse estilo de vida fantástico.

A pesquisa “Mulheres em tecnologia: onde estamos? Compreendendo a evolução feminina no setor”, de janeiro de 2021, feita pela empresa russa de tecnologia especializada na produção de software Kaspersky, divulgou que 95% das mulheres que trabalham com tecnologia globalmente atuaram, pelo menos meio período, de forma remota desde março de 2020.

“Eu já tinha ouvido falar sobre os nômades digitais, mas eu achava que era algo de influencers e pessoas que trabalhavam com a internet. O nomadismo era algo muito longe do meu mundo. Quando eu comecei a viajar, vi que é possível conciliar o isolamento com essa rotina de trabalho e viagem”, relata Gabriela.

O estudo da Kaspersky mostra que 43% das brasileiras entrevistadas preferem estar em casa do que no escritório, e 45% acreditam ter mais eficiência e autonomia no trabalho atuando remotamente.

A empreendedora Andressa Martins, de 29 anos, percebeu uma nova forma de encarar a vida como nômade digital. Antes da pandemia, ela dava aula de desenvolvimento de tecnologia cosmética e era proprietária de uma clínica de estética. Em 2020, chegou a ficar três meses sem atender nenhum cliente.

Em outubro de 2020, ela deixou seu apartamento em Porto Alegre, foi morar em uma pousada à beira mar, vendeu seu carro e passou a viver como nômade digital.

“A pandemia me causou uma série de desconfortos em relação à questão financeira. O processo de mudança, devido ao isolamento, fez com que eu entendesse que meu trabalho não precisava ser totalmente presencial e, no momento, teria que me adaptar ao online”, diz Andressa.

## Momento da mudança

Em 2017, Laura Griebler recebeu o convite para viver uma imersão em um coworking-coliving, na Nicarágua. Ela era a única brasileira dividindo um ambiente de trabalho e moradia com nômades do mundo inteiro.

“As experiências que tive em diversos países com várias culturas diferentes me moldaram para ser a profissional que eu sou. Tenho um conhecimento em várias áreas e, no momento que precisar me aprofundar em uma delas, vou ter um background”,

compartilha Laura.

Para aderir a esse estilo de vida na pandemia, Gabriela Maia precisou realizar adaptações na forma de se relacionar com a família. Ela mudou a guarda compartilhada das filhas e começou a ficar com elas 15 dias e na outra metade do mês as meninas ficam com o pai.

Quando estão juntas, Gabriela retorna ao Rio de Janeiro e depois viaja com as filhas, pensando em toda a estrutura que precisa fornecer, porque elas estudam. “Desde cedo consigo mostrar para minhas filhas as perspectivas de viver em lugares diferentes”, conta Gabriela.

Ao decidir tornar-se nômade, Andressa passou pelo processo de autodisciplina para mudar seu negócio para o meio digital e, também, expandir projetos que estavam guardados. “Eu me apaixonei pelo nomadismo e a estrutura de mercado que a internet nos proporciona”, aponta.

Acervo pessoal



“Viajar e não ser 100% para diversão”, foi uma descoberta de Gabriela Maia ao adotar o nomadismo